

COLÔNIAS E RESPONSABILIDADE MORAL*

W. E. B. Du Bois¹

O paradoxo do movimento pela paz do século XIX é um problema desconcertante para a civilização europeia. Não houve um único ano durante o século XIX em que o mundo não estivesse em guerra. Principalmente, mas nem sempre, essas guerras foram pela sujeição dos povos coloniais. Elas foram levadas à cabo pelos europeus e pelo menos cento e cinquenta guerras podem ser contabilizadas nos dias de glória do movimento pela paz. O que o movimento realmente significava era a paz na Europa e entre os europeus, enquanto que para a conquista do mundo e por conta das desconfianças mútuas, todas as nações mantiveram um exército de prontidão que crescia constantemente em custo e ameaça.

Não há dúvida de que uma das principais causas que distorceu o desenvolvimento europeu foi o comércio de escravos africanos. Temos tentado reescrever sua história e seus significados, e fazer com que ocupe um lugar muito menos importante na história do mundo do que merece.

O resultado do comércio de escravos africanos e da escravidão na mentalidade e cultura europeias foi degradar o lugar do trabalho e o respeito pela humanidade como tal.² Não que, Deus sabe, o mundo antigo honrasse o trabalho. Com algumas exceções aqui e acolá, desprezava,

* Texto publicado em 1946 em *The Journal of Negro Education*, fundada em 1932, da qual W.E.B. Du Bois foi assíduo colaborador. Aqui, Du Bois articula a ideia de raça com o sistema colonial, demonstrando como um foi fundamental para o outro. Tradução de Maurício da Costa Oliveira, Mestre em Sociologia pela Unicamp, doutorando em Ciências Sociais pela mesma instituição - NT.

1 Do meu livro, *The world and Africa*, que a Viking Press editora publica esse ano. Aqui está uma parte do segundo capítulo intitulado "The White Masters of the world". Eu resumi para o *Journal of Negro Education* as seguintes passagens que parecem apropriadas ao assunto que me foi designado.

2 De certa forma, este breve texto traz a gênese do que Du Bois viria a chamar de linha de cor. A história colonial vinculada a uma nova forma de escravidão foi peça chave na estruturação do racismo e no legado deste para a sociedade americana, culminando no problema do século XX: a linha de cor. Aqui, o autor oferece elementos para entender as principais transformações relacionadas ao trabalho e ao colonialismo - NT.

escravizava e crucificava a labuta humana. Mas havia contracorrentes, e com a Renascença na Europa – essa nova luz com a qual Ásia e África iluminavam os tempos sombrios da Europa – surgiu nova esperança para a humanidade. Uma nova religião de sacrifício pessoal era construída a partir dos quinhentos anos da abnegação de Buda e do igualitarismo de Mohammed, seis séculos após o nascimento de Cristo. Um novo mundo buscava nascer na Europa, assim como era descoberto para além do pôr do sol.

Com esse novo mundo, veio fatalmente o comércio africano de escravos e a escravidão negra na América com novas crueldades, novas formas de desprezo pelos seres humanos e uma nova degradação do trabalho humano. A cobiça tornou-se mais profunda e vasta pela incrível acumulação de lucro baseada no trabalho escravo;³ pelo crescimento desenfreado da ganância e pela organização mundo à fora de novas colheitas agrícolas, novas técnicas industriais e comércio mundial.

A Europa deu uma guinada a uma nova concepção de beleza, uma nova liberdade de pensamento e crença religiosa, uma nova demanda dos trabalhadores de que pudessem escolher seus próprios trabalhos e colher seus frutos; e mesmo assim, bem nesse momento em que o fruto do trabalho era um tesouro inestimável, a ganância incontida se ergueu para agarrá-lo e monopolizá-lo. O trabalho foi degradado, a humanidade desprezada e a teoria da “raça” surgiu.⁴ Surgiu uma nova doutrina de trabalho universal: a humanidade era ordenada em dois tipos – o superior e o inferior; os últimos trabalhavam duro para os primeiros, estes considerados homens de verdade, enquanto aqueles, metades homens”, ou menos. Entre os Senhores

3 Relação com MARX, Karl Marx, *A origem do capital (a acumulação primitiva)*, São Paulo: Fulgor, 1964 - NT.

4 De modo precursor, Du Bois dá o giro decolonial proposto por autores latinoamericanos como Walter Dignolo, Rita Segato e Aníbal Quijano, do grupo Modernidade/Colonialidade no final dos anos 1990. Aqui, Du Bois vincula a noção de raça e, conseqüentemente, do racismo, com as grandes navegações dos séculos XV e XVI. Além disso, ele demonstra como essas raízes são profundas. Nesse trecho, fica claro que a colonização não se daria somente nas esferas objetivas, jurídicas, políticas e institucionais - NT.

brancos da providência havia “classes mais baixas” que se assemelhavam aos povos mais escuros inferiores. Eles poderiam e deveriam ser erguidos à igualdade com a classe senhorial, mas nenhuma igualdade era possível ou desejável para os “pretos”. Através dessa crescente convicção, a Igreja Cristã, Católica e Protestante, primeiro amaldiçoou os pagãos negros com a “maldição de Canaã”,⁵ depois estendeu a esperança pela liberdade por meio da “conversão” e, por fim, aquiesceu com um permanente estatuto de escravidão humana.

Apesar de o século XIX testemunhar um aumento repentino do poder das classes trabalhadoras e uma disputa por igualdade econômica e democracia política, esse movimento e essa luta se tornaram mais ferozes e menos bem-sucedidos, ficando muito atrás do acúmulo de riqueza, pois na opinião popular, o trabalho era fundamentalmente degradante e o fardo justo de pessoas inferiores. Luxo e abundância para poucos e pobreza para muitos eram vistas como inevitáveis no curso da natureza. Somado a isso, não era preciso dizer que os brancos europeus tinham direito de viver às custas do trabalho e da propriedade das pessoas de cor do mundo.

A fim de determinar a justeza desse ponto de vista, ciência e religião, governo e indústria, estavam alinhados. A palavra “Negro” foi usada pela primeira vez na história mundial, atrelando cor à raça e raça e negritude [*blackness*] à escravidão e degradação. A raça branca foi representada como “pura” e superior; a raça negra, como suja, tola e inevitavelmente inferior; a raça amarela, partilhando na fraudulência e covardia, muito da inferioridade dessa cor; ao passo que a mistura de raças era a causa primária da degradação e do fracasso na civilização. Tudo de magnífico, belo e verdadeiramente exitoso na cultura humana era branco.

Para comprovar isso, pessoas negras na Índia e África eram classificadas como brancas se mostrassem qualquer traço de progresso; por outro

5 A maldição de Canaã é uma narrativa bíblica na qual Noé, após embriagar-se de vinho, amaldiçoa seus descendentes, que teriam a pele escura, a trabalharem em regime de escravidão. No Brasil, não à toa, o famoso quadro de Modesto Brocos, de 1895, intitula-se “A redenção de Cam”. O quadro retrata o embranquecimento das gerações futuras - NT.

lado, qualquer progresso de pessoas de cor era atribuído a alguma mistura, antiga ou moderna, de sangue branco, ou a alguma influência da civilização branca.

Essa contradição lógica influenciou e iludiu a ciência. A mesma pessoa que declarava a inferioridade de mulatos e alertava contra a miscigenação ao mesmo tempo atribuía a proeminência de um Dumas, um Frederick Douglas ou Booker T. Washington ao sangue branco destes.

Um sistema inicialmente consciente e em seguida inconsciente de mentir sobre a história e distorcê-la para a desvantagem dos negros se tornou tão difundido que a história da África deixou de ser ensinada, a cor de Mêmnon⁶ foi esquecida e todo esforço foi feito na arqueologia, história, biografia, biologia, psicologia e sociologia para provar a hipótese quase universal sobre as bases científicas da linha de cor.

Sem pestanejar, a imprensa, pólvora, fundição de ferro, os primórdios da organização social, sem mencionar a vida política e a democracia, foram atribuídas exclusivamente à raça branca e à Europa Nórdica. A religião suspirou de alívio quando pôde embasar sua negação da ética cristã e da fraternidade entre homens na ciência de Darwin, Gobineau e Reisner. Já era ruim o suficiente em sã consciência ter as consequências desse pensamento, essas conclusões científicas e sanções éticas recaindo sobre as pessoas de cor pelo mundo; mas ao cabo, foi ainda pior quando consideramos o que essa atitude causou no trabalhador Europeu, cujos objetivos ideais foram distorcidos: ele não desejava se tornar eficiente, mas sim rico. Ele começou a desejar não só o conforto para todos os homens, mas para si próprio, o poder sobre outros homens. Ele não amava a humanidade, ele odiava *niggers*.

Foi do comunismo cristão antigo e do senso de fraternidade humana que começou a crescer na Idade Média e a florescer na Renascença que chegou aos trabalhadores brancos na Inglaterra, França e Alemanha a lei férrea dos salários, as doutrinas populacionais de

6 Memnon foi, na mitologia grega, um rei etíope negro que ajudou o rei troiano a combater os gregos. Du Bois se refere aqui a processos de embranquecimento de figuras históricas - NT.

Malthus e a luta amarga contra os primeiros sindicatos. Os primeiros esforços na educação – e particularmente a tendência para a democracia política – provocaram um antagonismo com que a Revolução Francesa não imaginava. Foi essa luta amarga que exacerbou a luta de classes e resultou na primeira expressão acalorada comunista e na tentativa de revolução. A unidade de discípulo e mestre, a compaixão cristã entre ricos e pobres, o comunismo da caridade medieval, todos foram sufocados na nova camisa de força do pensamento. A pobreza era o resultado de preguiça e crime; a riqueza, a recompensa da virtude e do trabalho. Os povos degradados amarelos e negros estavam nos lugares que o mundo da necessidade atribuía aos inferiores; e em direção a essas categorias inferiores, as classes trabalhadoras de todos os países tendiam a afundar, salvo quando eram criadas e sustentadas pelos ricos, os investidores, os capitães da indústria.

Em alguns lugares do mundo, notadamente nos estados do Sul dos Estados Unidos, o argumento foi ainda mais longe: a escravidão aberta de pessoas negras era um sistema econômico melhor do que a exploração de pessoas brancas nas fábricas. Era o arranjo natural da indústria. Deveria, certamente, ser expandido onde as pessoas de cor fossem maioria. Por meio século antes de 1861, as mentes mais ousadas do Sul sonharam com um império escravocrata abrangendo os trópicos americanos e eventualmente estendendo-se por todo o globo. Embora seu pensamento não tenha chegado a uma apreciação final das classes trabalhadoras brancas, eles certamente tinham em mente que essas classes deveriam elevar-se ou sucumbir, deveriam ser forçadas a entrar na classe de empregadores com poder político, ou, como os brancos pobres do Sul, espremidas para o mesmo nível, ou mesmo abaixo, dos escravos trabalhadores.

Essa filosofia tinha adesão na Europa. Sem dúvida, a larga maioria da opinião pública influente na Inglaterra, e possivelmente tanto na França quanto na Alemanha, apoiavam o Sul na deflagração da Guerra Civil e se opuseram duramente a permitir qualquer simpatia piegas para com os

“pretos”, meio-macacos e meio-homens, na dura luta pela sobrevivência do domínio europeu no mundo. A insensibilidade generalizada à crueldade e ao sofrimento se espalhou no mundo branco, e para se prevenir de excessiva simpatia emocional para com os angustiados do mundo, todos os esforços foram feitos para manter as mulheres e crianças e os homens mais sensíveis iludidos quanto ao que estava acontecendo, não apenas nas favelas dos países brancos, mas em toda a Ásia, África e as ilhas do mar. A escrita elaborada disfarçada de interpretação e o testemunho dos ditos “especialistas” tornaram impossível para as pessoas glamorosas [*charming people*] na Europa perceberem o que seus confortos e luxos custavam em suor, sangue e morte, e em desespero, tanto em outras partes do mundo, como até mesmo em seu próprio quintal.

Construiu-se uma cultura graciosa, uma literatura delicadamente apurada tratando dos pequenos problemas intelectuais dos ricos e bem-nascidos, discutindo questões miúdas de costumes e convenções, omitindo aquelas mais significativas relativas à lei, misericórdia, justiça e verdade. Mesmo a evidência dos olhos e dos sentidos era negada pelo mero peso da reiteração. A raça que produziu as feições feias de um Darwin ou um Winston Churchill sempre foi “bela”, enquanto um Toussaint [L’Ouverture] e um Menelique deveriam ser feios porque eram negros. O conceito do *gentleman* europeu foi desenvolvido: um homem de boa estirpe e asseado, de lealdade cavalheiresca e coragem invencível mesmo quando encarava a morte, mas que não hesitava em usar metralhadoras contra azagaias⁷ e trapacear *niggers*;⁸ um ideal de lealdade que refletia a Regra de Ouro.⁹ E, ainda assim, em face disso, não apenas nos

7 Azagaias são armas semelhantes a lanças de combate corpo-a-corpo. Encontradas em contexto sul-africano, povos como Zulu, Xhosa e Nguni são conhecidos por usar esse tipo de arma - NT.

8 Nesse contexto, Du Bois usa a expressão *niggers* ironicamente, uma vez que se trata essencialmente de uma forma de xingar a população negra. Ou seja, o autor ironiza o conceito de *gentleman*, se apropriando do vocabulário racista empregado por esse grupo em referência aos negros - NT.

9 A Regra de Ouro, *Golden Rule*, no original em inglês, refere-se ao princípio de tratar os outros como a si mesmo, presente em muitas religiões como o Budismo, Hinduísmo, Judaísmo e, principalmente, Cristianismo. A questão presente na obra

negócios e na indústria nos países brancos, mas por toda a Ásia e África, emergiu a mentira, assassinato, roubo, estupro, engano e degradação do mesmo tipo e gênero, que deixa um mundo horrorizado quando se lê, hoje, sobre o que os nazistas fizeram na Europa.

Não houve atrocidade nazista de campos de concentração, mutilações e assassinatos em massa, violação de mulheres ou dessacralização da infância que a civilização cristã da Europa não estivesse há tempos praticando contra pessoas de cor em todas as partes do mundo em nome e pela defesa da Raça Superior nascida para governar o mundo.

Junto com isso cresceu na Europa e nos Estados Unidos um espantoso ideal de riqueza mundial e de luxo: o homem de renda independente que não tinha de trabalhar para viver, que podia satisfazer seus caprichos e fantasias, que era livre de toda e qualquer compulsão, seja moral ou de fome, se tornou o herói de romances, dramas e contos de fada. Essa riqueza foi construída na África, baseada sobretudo em diamantes e ouro, cobre e estanho, marfim e mogno, óleo de palma e cacau, sementes extraídas e germinadas, apanhados dos corpos manchados de sangue dos nativos, transportados para a Europa, tratados por escravos assalariados que não recebiam o suficiente para se tornarem seres humanos educados e saudáveis, e então distribuídos entre prostitutas e apostadores,¹⁰ assim como entre aqueles cultivados amantes de arte, literatura e teatro.

Cidades foram construídas, feias e horríveis, com regiões para a cultura do crime, doenças e sofrimento, mas caracterizadas no mito e na cegueira populares, como avenidas largas e bonitas onde os ricos e afortunados viviam, riam e bebiam chá. Heróis nacionais foram criados, desenlçando-os de seus pecados e canonizando suas virtudes, de modo que

de Du Bois diz respeito ao modo como a máxima cristã não impede a produção e a reprodução do racismo. A pergunta daí derivada é: como “amar ao outro como a si mesmo” ainda possibilita escravização de povos negros? - NT.

10 *Gamblers*, no original. Du Bois refere-se àqueles que apostam em jogos de azar, sobretudo associados à marginalização. Em contexto brasileiro, poderíamos associar a jogos como o jogo do bicho (ilegal, marginal) em oposição à loteria (legal, regulamentado pelo Estado), por exemplo - NT.

Gladstone¹¹ não tinha conexão com a escravidão e o Gordon Chinês¹² não ficava bêbado; William Pitt¹³ era um grande patriota e não um ladrão internacional. A educação foi organizada de modo que os jovens aprendessem não necessariamente a verdade, mas aquele aspecto e interpretação da verdade que os governantes do mundo desejavam que conhecessem e seguissem.

Em outras palavras, nós tivemos progresso por meio da pobreza em face da acumulação da riqueza, e essa pobreza não foi simplesmente a de escravos na África e serviçais na Ásia, mas a pobreza da massa de trabalhadores na Inglaterra, França e Alemanha e Estados Unidos. A arte, tanto na arquitetura, quanto na pintura e literatura, se tornou cínica e decadente. A literatura se tornou realista e, portanto, pessimista. A religião passou a ser organizada em clubes sociais onde os herdeiros se encontravam em luxuosas igrejas e davam esmolas para os pobres. No domingo, ouviam sermões: “Abençoados são os mansos”, “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles”, “Ao que vos ferirem a face direita, ofereça-lhes também a outra face”, “É mais abençoado dar do que receber”; esses altos preceitos eram escutados sem qualquer atenção prática, como se em cada verdade eles devessem dizer: “A lei do mais forte”, “Faça aos outros antes que eles façam a você”, “Mate seus inimigos ou seja morto”, “Obtenha lucros através de qualquer método e a qualquer custo, desde que você escape da lei leniente”. Esse é um retrato fiel da decadência daquela Europa que dominou a civilização humana durante o século XIX e contemplava impassível a aflição da Ásia e da África.¹⁴

11 William Ewart Gladstone (1809-1898) foi primeiro-ministro britânico por três vezes, entre 1868 e 1894. Tinha certa popularidade com a classe trabalhadora inglesa, embora a família Gladstone tenha acumulado fortuna com o tráfico de escravizados - NT.

12 Apelido de Charles George Gordon (1833-1885), líder do exército britânico que comandou soldados chineses durante a Guerra Civil de Taiping. Foi ainda governador-geral do Sudão, decapitado após uma revolta liderada por Muhammad Ahmad, líder religioso muçulmano. Winston Churchill se referiu a Gordon como uma pessoa cheia de caprichos, que estava constantemente bêbada - NT.

13 William Pitt (1759-1806) foi mais jovem primeiro-ministro inglês, assumindo o cargo a convite do rei em 1783, com 24 anos - NT.

14 É notável como Du Bois articula fatos sociais totais, como a religião, para demonstrar a vastidão do racismo e do colonialismo historicamente - NT.

Seria injusto pintar a imagem moderna total da Europa como decadente. Houve almas que se revoltaram e vozes que protestaram em voz alta. Homens denunciaram a pobreza, a ignorância e a doença como desnecessárias. A escola pública e o eleitorado lutaram pela elevação e liberdade. A democracia para mulheres e trabalhadores e a liberdade para Negros foram ampliadas. Mas essa visão progressista teve sucesso parcial e limitado. A tirania da raça, pretensão aristocrática e riqueza monopolizada prevaleceram e triunfaram largamente. A igreja fugiu para os bairros residenciais da cidade para escapar dos pobres e negros. Jesus riu – e chorou.

O alvorecer do século XX encontrou a Europa branca como senhora do mundo e os povos brancos quase universalmente reconhecidos como governantes, para quem o resto do mundo, para seu benefício, existia. Nunca na história da civilização a auto-veneração das conquistas de um povo atingiu o nível que a veneração da Europa branca alcançou nesta área.

Nossos poetas “à frente de seus tempos”¹⁵ tornaram-se ditirâmicos:¹⁶ “Melhor cinquenta anos de Europa do que um ciclo de Catai”.¹⁷ Em casa e na escola a lenda cresceu desse gigante magistral forte com intelecto poderoso, clareza mental e resistência moral incomparável, que estava conduzindo o mundo ao apogeu da cultura humana. No entanto, em menos de meio século, esta magnífica estrutura de adoração de si mesmo caiu por terra.

Por que isso aconteceu? Não foi por falta de poder. O poder da Europa branca e da América do Norte branca era inquestionável.

15 *Foremost Ranks of Times*, no original, aqueles que, ironicamente, estariam à frente do seu tempo, como se fosse possível se apartar do compartilhamento do mesmo momento histórico-cultural. Aqui, Du Bois se refere ao poeta inglês Alfred Tennyson.

16 Novamente Du Bois carrega o texto de ironia, uma vez que ditirâmico é algo exagerado, um entusiasmo excessivo - NT.

17 Essa oração é parte do poema, ainda sem tradução para o português, “Locksley Hall”, de Alfred Tennyson. No poema, Tennyson cria um local imaginário, Locksley Hall, praticamente uma utopia que valoriza o “progresso” britânico em detrimento da então recente colônia inglesa da China. Catai é um nome alternativo para a China - NT.

Sua ciência dominou o pensamento científico do mundo. A única escrita chamada de literatura era aquela de escritores ingleses, franceses, alemães e italianos, com algum reconhecimento de escritores da Espanha e Estados Unidos. A religião cristã, representada pela igreja católica e pelas principais correntes protestantes, foi o único sistema de crença reconhecido como religião legítima. Sob o paganismo foram compreendidos todos os muçulmanos, budistas, xintoístas e outros.

A mais extraordinária expressão de poder era econômica; o poder da organização e integração industriais e da indústria moderna na gestão e no trabalho, no comércio e na manufatura, tudo esteve concentrado na Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. Toda a Ásia e Europa oriental eram anexos; toda a África, China, Índia, as ilhas do mar, a América Central, do Sul e o Caribe foram dominados pela Europa, enquanto a Escandinávia, Holanda e Bélgica foram silenciosas parceiras nessa dominação. A dominação se manifestou em sua forma final no poder político, seja pelo governo direto, como no caso das colônias, seja pelo poder econômico indireto respaldado pela pressão militar exercida sobre as nações atrasadas. No final do século XIX, presumia-se definitivamente que essa dominação econômica era apenas uma fase passageira que, com o tempo, levaria à absorção colonial.

Isso era particularmente verdadeiro no que diz respeito à Ásia. A Índia já fazia parte do Império Britânico, assim como a Birmânia. A Indonésia era holandesa e a Indochina, francesa. O futuro da China dependia de como a Europa definia a divisão das terras entre o império britânico e o alemão, o comércio americano, a Itália, a França e a Rússia. Tratava-se apenas de questão de tempo e acordo. O consentimento geral há muito decidiu que a China não deveria mais governar a si mesma.

No que diz respeito à América do Sul, houve a determinação de que esses países deveriam obedecer às regras econômicas do sistema europeu e norte americano. O mundo ansiou pela dominação política e econômica da Europa e América do Norte, e por um tratamento mais ou menos totalizante do status colonial para o resto do mundo. A África, claro, deveria

permanecer em absoluta servidão, exceto pelos seus imigrantes brancos, que sozinhos governariam os negros.

A razão para esse domínio mundial da Europa foi racionalizada como a superioridade natural e inata dos povos brancos, manifestando-se não apenas na mais nobre das religiões, mas em um domínio técnico das forças da natureza, tudo isso contraposto à baixa mentalidade e natural imoralidade das raças mais escuras que vivem em terras encantadoras, “onde todas as perspectivas são agradáveis e só o homem é vil!”, como o cristão nobre cantava piedosamente. Mas eles se esqueceram ou nunca foram informados de como a superioridade branca exercia seu poder ou realizava esse domínio.¹⁸

A singularidade de todo esse movimento europeu de agressão e dominação foi a racionalização para isso. Durante o século XIX e o começo do século XX, o esforço missionário foi amplamente difundido. Milhões de libras e dólares foram destinados para a conversão de pagãos ao cristianismo e educação de nativos. Alguns poucos esforços, como na Libéria e Serra Leoa, foram feitos no começo do século XIX para tornar países negros independentes, mas isso foi antes de a Europa perceber que a dominação política era necessária para a total exploração.

Paulatinamente, o Sudão, do Atlântico ao Nilo, foi conquistado. Aos poucos, o próprio Egito e o Sudão egípcio foram controlados pela Europa. A resistência da Núbia¹⁹ e Etiópia foram praticamente em vão até o século XX. A África oriental lutou brilhante e ininterruptamente. Mas em todo esse desenvolvimento persistiu nas mentes europeias a ideia de que independentemente do custo em crueldade, mentira e sangue, o triunfo da Europa era para a glória de Deus e para o poder sem restrições do único povo na terra que merecia dominar; que o direito e a legitimidade de seu domínio estava comprovado pelo seu próprio sucesso e, particu-

18 Du Bois dá mostras da acumulação primitiva não só em termos do capital econômico, mas também cultural, descrevendo a literatura e o conceito de belo. Anos depois, Pierre Bourdieu pensaria questões semelhantes - NT.

19 Região histórica localizada na África Oriental, com fronteiras que variaram ao longo do tempo. Em seu auge, a Núbia se estendia do sul do Egito até o norte do Sudão atual, abrangendo tanto terras áridas quanto férteis às margens do Nilo - NT.

larmente, pelas suas grandes cidades, sua enorme maestria técnica sobre o poder da natureza, sua gigantesca manufatura de bens e sistemas de transporte ao redor do mundo. A produção pela própria produção, sem questionamento sobre como a riqueza e os serviços eram distribuídos, era a palavra de ordem do dia.

Por anos, os governos imperiais imiscuíram-se da responsabilidade direta pela exploração colonial. Inicialmente, tudo era sobre “livre iniciativa” e “iniciativa individual”. Quando o escândalo do assassinato e da pilhagem não pôde mais ser ignorado, a exploração se socializou com o imperialismo. Assim, por um século ou mais, a Companhia das Índias Ocidentais, a Companhia do Níger, as Companhias da África Setentrional e Oriental roubaram e assassinaram como quiseram, sem prestar contas publicamente. Na medida em que essas empresas roubaram, mataram e trapacearam a tal ponto que os fatos não puderam ser suprimidos, os próprios governos assumiram o controle com a contenção dos excessos mais ultrajantes e a racionalização de todo o sistema.

A ciência foi convocada para ajudar.²⁰ Estudantes da África, especialmente desde o complexo marfim-açúcar-algodão-negro do século XIX, se tornaram anestesiados pela obsessão de que nada civilizado é negroide e todas as evidências de alta cultura na África deveriam ser brancas ou, ao menos, amarelas. O próprio vocabulário da civilização expressava essa ideia: de adjetivo descritivo, a palavra espanhola *negro*, foi elevada ao nome substantivo de uma raça e, com isso, privada de sua letra maiúscula.

Surgiram então esforços para trazer harmonia, cooperação e unidade entre os exploradores. Um correspondente jornalístico que recebeu publicidade mundial por causa de suas viagens na África foi contratado pelo astuto e inescrupuloso rei de um pequeno estado europeu para estabelecer um país internacional na África Central “para conquistá-lo e subjugá-lo pacificamente, para remodelá-lo em harmonia com as ideias modernas

20 Nesse período, as ideias evolucionistas, bem como o racismo científico, ganhavam força e circulavam de tal forma que, mesmo nos dias de hoje, ainda são rotinizadas em academias de polícia - NT.

de Estados Nacionais, dentro de cujos limites o comerciante europeu deverá se encontrar de igual para igual com o negociante africano escuro, e justiça, lei e ordem prevalecerão, e assassinato e ilegalidade e a permuta cruel de escravos serão superadas.”

Assim surgiu o Estado Livre do Congo e, ao contrabalançar os desígnios secretos da Alemanha, França e Inglaterra uns contra os outros, esse estado não apenas se tornou um dos piores centros de exploração africana, mas o início da divisão da África entre os poderes europeus. Ele foi planejado para se tornar o modelo de partições similares da Ásia e dos Mares do Sul. Seguiu-se o Congresso e a Conferência de Berlim. Os produtos da África começaram a ser partilhados e distribuídos pelo mundo. A dependência da vida civilizada de produtos dos confins do mundo tornou o cidadão comum cada vez mais vinculado à exploração de cada área colonial: chá e café, diamantes e ouro, cobre e óleos vegetais, nozes e tâmaras, pimenta e especiarias, azeitonas e cacau, borracha, cânhamo, seda, fibras de todos os tipos, metais raros, madeira valiosa, fruta, açúcar. Todas essas coisas, e centenas de outras, tornaram-se necessidades da vida moderna e, assim, a vida moderna foi construída em torno da propriedade e da exploração colonial.

O custo dessa exploração foi enorme, em todos os sentidos da palavra. O sistema colonial causou dez vezes mais mortes do que qualquer guerra propriamente dita. Em vinte e cinco anos, no início do século XIX, a fome na Índia matou um milhão de homens, e a fome estava associada à exploração. O monopólio amplo da terra para privar todos os homens de fontes primárias de sustento era realizado por meio da propriedade direta ou hipoteca indireta, além de juros exorbitantes. A doença não podia ser controlada: tuberculose nas minas da África do Sul, sífilis em todas as regiões coloniais, cólera, lepra, malária.

Talvez o pior aspecto do sistema colonial seja a contradição²¹ que emergiu – e teve de emergir – na Europa em relação a toda a situação. A pobreza e a pobreza extrema nas colônias eram a principal causa da

21 Contradição seja em termos cristãos (expressa pela Regra de ouro): como amar o outro como a si mesmo e ainda assim escravizar povos negros. Quer dizer, uma ideia

riqueza e do luxo na Europa. As consequências dessa pobreza foram doenças, ignorância e crime. No entanto, elas tiveram de ser representadas como características naturais de povos atrasados. A educação para o povo colonial deveria inevitavelmente significar distúrbio e revolta; a educação, portanto, deveria ser limitada e utilizada para inculcar obediência e servilismo, para que todo o sistema colonial não fosse derrubado. Entre os povos coloniais, habilidade, confiança em si mesmo e ressentimento deveriam ser representados como esforços irracionais de “agitadores” – pessoas que tentam alcançar aquilo para o qual não estava aptos por natureza.

Para provar a inaptidão da maioria dos seres humanos para o autogoverno e a autoexpressão, todo artifício da ciência foi usado: a teoria da evolução para provar que os negros e os asiáticos eram seres humanos menos desenvolvidos do que os brancos; a história escrita, de tal modo a tornar toda civilização o desenvolvimento de pessoas brancas; a economia ensinada, de modo a atribuir toda riqueza principalmente às realizações técnicas do povo branco, complementada apenas pelo trabalho bruto dos povos de cor; medição do peso dos cérebros e testes de inteligência foram usados e distorcidos para provar a superioridade dos brancos. O resultado foi a dominação completa do mundo pela Europa e América do Norte e um apogeu e ritmo de civilização singularmente satisfatórios para a maioria dos escritores e pensadores no início do século XX. Mas tal resultado era vazio, contraditório e fatal, como os anos seguintes rapidamente mostraram.

doi: 10.9771/aa.v0i69.63486

de desumanização de fato, ou ainda, a contradição em termos de igualdade, diferença e desigualdade - NT.